

6.

Por quantas ocasiões, nos últimos nove meses, eu me calei no momento ofertado para contar-lhe toda a verdade? Quantas vezes a conversa foi adiada, quando levei em conta a nossa história e a necessidade de nos mantermos juntos com as crianças? Tenho quase certeza que em nenhum momento passou pela cabeça dele qualquer sombra de suspeita. Porque da vez em que, chegando de viagem, ele me encontrou com Débora na rede da varanda enquanto as crianças estavam no curso de inglês, se fosse um pouquinho mais atento perceberia os olhares de lascívia (ou eram de ciúmes?) lançados por ela sobre o meu corpo, de cima a baixo. Analisei várias possibilidades. Dividir meu tempo e meu corpo, separadamente, com um e com o outro. Já apenas pensar na idéia me repugna. Acabou o desejo, a vontade, mesmo a tolerância com a proximidade dos membros dele, na hora íntima, buscando achego. Eu quero é o perfume dela, sua languidez, o seu suor, a sua língua na minha. A paixão nessa quadra da vida tornou-me uma mulher casta. Fez surgir nas extremidades de minha pele, de forma surpreendente e inédita, um sentimento que é uma idéia fixa. Viver junto ao sujeito dessa paixão, somente essa idéia me devolve a paz interior de que necessito. Desde o instante em que se iniciou a hora de descer as escadas. Para que perder mais tempo? E pensar que eu e Tangre fizemos tantas juras de amor eterno. Nos primeiros três anos as juras foram materializadas em atos, nos carinhos, nos cuidados vários. Ah, a doçura dos tempos de então! Os beijos, as viagens, as apreensões da espera. Pensar na sua dedicação por mim. O quanto ele contribuiu para o meu crescimento pessoal, para o meu desenvolvimento profissional. A sua atenção com a minha saúde. A sua preocupação em me satisfazer na cama. A sua delicadeza ao tocar meu corpo, mesmo na fase aguda da doença, quando eu me sentia um lixo. Quanto chorei, com ele, mas também sozinha ao saber que estava

condenada a não gerar filhos. “Um risco a evitar a todo custo”, disse-nos o médico-líder da equipe. Tristeza. Que então soubemos espantar, num acordo mútuo: a adoção. Adotamos como um gesto de amor, não apenas entre mim e ele, mas um gesto de amor à obra da criação divina. Logo soubemos, pelos dados judiciais que Tangre tão bem interpreta, o quanto as escolhas adotivas da maioria das pessoas explicitam preferências egoísticas. Mofam nos abrigos as crianças de pele negra, rejeitadas assim várias vezes. Porque o objeto de desejo dos que adotam são as mais claras. Também por este fato, concordamos, Tangre e eu, em agir para reparar essa maldade. Nossos filhos são nossos e a eles nossa reverência. Como alguém que talha na pedra uma declaração de afeto transcendente, assim os queremos. Tudo o mais de minha doença teve de ser relativizado. E o meu sacrifício ao aceitar as dores terríveis, sem ceder à tentação da entrega ao mau humor, eu o fiz em nome do amor. Agora que esse amor se esvaiu sinto ser chegada a hora de romper, antes que o pior aconteça. Amei meu homem, sim, isso pode ser certificado. Sei que ele, mesmo agora eu distinta dos 24 anos de idade, cultivava as flores no jardim do meu regaço. Ele me ama, agora como antes. Ocorre que o antes em mim fala agora baixinho. Meu agora é Débora.

Ao balbuciar o nome feminino, neste momento completamente nua, sentada no vaso sanitário apoiando com a palma de uma das mãos o rosto largo e arredondado, a professora Zorádia Oswaldo ouviu barulho do outro lado da porta. Seu marido tinha retornado da padaria com as crianças, em algazarra. Ouviu perguntarem a Matilde, a empregada, onde estava a mãe e então a menina veio e bateu à porta chamando por ela. Respondeu que estava ocupada. Ainda no vaso, gritou por Matilde, solicitando que pusesse a mesa para o lanche dos filhos, ajeitasse as coisas e os encaminhasse para o quarto de dormir.

- Querida, você viu isso? – perguntou Tangre, em voz alta, do outro lado da porta fechada.

- Isso o quê? – ela ouvia farfalhar de papéis vindo de fora.

- O que está aqui no jornal?

- Sobre o quê?

- Ivonildo Cruz deverá ser candidato a prefeito de Salvador. O primeiro candidato negro a disputar uma eleição democrática em toda a história de mais de 400 anos dessa cidade.

Ela, em princípio, desdenhou com um risinho.

- Ivonildo Cruz agora é negro?! Ele!? Isso pra mim é uma grande novidade.

O marido já tinha se afastado para a sala e não escutou os comentários da mulher. Ela demorou alguns instantes tentando fixar na mente o rosto negro de Ivonildo Cruz, logo tornado cinzento. Deu descarga no vaso, levantou-se e organizou os produtos para tomar uma ducha morna. Tangre agendara desde o dia anterior um jantar fora, com ares misteriosos, para os dois. Ainda resmungou alguma coisa relativa à notícia que estava no jornal, algo como “ele é que nunca foi negro”. Mas não tinha tempo para pensar nisso no momento. O celular tocou: Débora. Queria saber sobre o resultado da conversa entre Zorádia e o marido. Ainda não haviam conversado, respondeu. Do outro lado a voz mal-dissimulava a ansiedade própria das paixões jovens. A insegurança típica de quem aguarda uma resposta decisiva. Quando as coisas se resolveriam, meu amor – quis saber, gaguejando. Estava saindo para jantar e então aproveitaria a ocasião. A esposa havia notado que o marido estava particularmente bem-humorado esta noite. Seria algo relativo à reunião do colegiado de desembargadores ocorrida naquela tarde no Tribunal de Justiça? Vai saber! O casal, cada uma das partes envolta em suas distintas atividades, sequer falou ao telefone durante o dia.

Ela tomava banho, usando muita espuma. Esperava o efeito de um relaxamento não somente dos nervos, mas mental. Tinha de manter-se equilibrada. Mesmo se, ao ouvir a dura notícia, ele apelasse às fraquezas emocionais dela, das quais sabia de cor, ela não cederia.

*

Parceiro de todas as horas, da esposa e da família. Se se pudesse resumir em uma sentença a personalidade do bacharel Tangre Araújo Pereira, essa lhe cabia bem. Casara aos 29 anos, dois após aprovado no exame da Ordem para o exercício da advocacia – e apenas um depois do primeiro encontro com Zorádia. Encontro, não: literalmente uma trombada. Vinha em sua corridinha matinal pela calçada da orla nas proximidades do Jardim de Alá quando, de repente – kabuummm! -, esbarrou-se numa bicicleta. Ela, num grupinho de ciclistas, deve ter se distraído (ele também desviara por instantes o olhar) e não pode evitar o atropelo. Enquanto os demais se afastaram ela parou para desculpar-se. Estavam nas escusas ao testemunharem outro fato mais grave ocorrendo diante deles. Dois adolescentes empurraram um casal de velhos, turistas que passeavam

distraídos e descontraídos pela calçada em frente à praia. Afanaram a carteira do velho e saíram em disparada lá para os fundos. Parece que um dos assaltantes usava um revólver. Solidária, gente como Zorádia e Tangre correu ao socorro dos velhinhos assustados. Uma cena lamentável. Depois do consolo de praxe, alguém chamou um taxi para levar as vítimas de volta ao hotel. Todos comentaram sobre o absurdo do assalto, coisa tornada trivial nos dias correntes. Perante os comentários e bochichos, Tangre esqueceu o acontecido para melhor dar atenção menos às vítimas assaltadas que a Zorádia. Ele sentia que a vítima de assalto era ele: o cupido eram os olhos da moça, dali de dentro apontando-lhe um arcabuz. Viu que ela notara algo em sua face, e sorriu para ele. Antes de se despedirem, para o regresso da atividade física interrompida, ele insistiu e obteve o número de telefone dela, cedido depois de hercúlea resistência. Desde aí não pode mais tirá-la da cabeça. Inventou artimanhas mil para que ela aceitasse um encontro. Até que Zorádia o fez. Convidou-o para assistirem uma montagem de Ângelo Flávio, “O Dia 14”, na Escola de Teatro da UFBA. Ele era o único claramente caucasóide na platéia. E a peça, relembrando o famoso 13 de maio, falava justamente sobre a maldade dos brancos, senhores escravocratas. Pelo tempo que durou a apresentação, os dois não se tocaram e ficaram mudos. Para ele aquilo era uma porretada no plexo solar. Saiu do teatro tonto, levando-a para casa com o sentimento de desconforto. Semanas depois, novamente ela aceitou saírem juntos – agora para tomar uns driques. Dessa vez, na despedida, houve uma troca de beijos ao estilo romântico. Outras saídas e conversas, então o relacionamento se firmou. À época nos seus 24, Zorádia preparava-se para uma seleção de mestrado. Confessou a ele que resistiu em aceitar o namoro com um homem que não era negro. Se agora o fazia, deveria alertá-lo: ambos iriam enfrentar olhares públicos de desaprovação, de um lado e de outro. Ocorre que o encatamento ganhou tal força que decidiram casarem-se já alguns meses depois, no ano seguinte. Ela não quis alterar seus sobrenomes. Rejeitou o Araújo e o Pereira de Tangre por serem, segundo os dois concordaram, legendários na história da Bahia chucra. Marcas escravocratas do passado colonial português. Tangre argumentou que diretamente nada tinha a ver com aquele passado. Mas não queria, de modo algum, ser hipócrita. Menos ainda com a mulher que escolhera para viver o resto de sua vida. Examinando a história da formação social ao redor, admitiu que indiretamente fosse mesmo um beneficiário dos sobrenomes. Um exemplo era o escritório de advocacia, cuja liderança estava assumindo em substituição ao pai, que por sua vez substituíra o avô à frente do negócio. A Araújo Pereira & Parceiros era uma firma de renome, atuante

em diversas frentes de demandas importantes, caras, trabalhosas e lucrativas. Particularmente a defesa dos interesses cíveis de grandes grupos da construção civil. Mantinha ainda um contrato operacional com firma similar baseada em Portugal, de Araújo e de Pereiras d'antão.

Assim foi visto como algo natural ser Lisboa a primeira parada dos nubentes em sua lua-de-mel. No roteiro de três semanas por terras ibéricas (Espanha inclusa), ali ficaram sete dias, hospedados em hotel na Avenida da Liberdade, imediações da praça onde se ergue o monumento ao todo poderoso, temerário e por fim reabilitado Marquês de Pombal. Para Zorádia, a primeira viagem internacional. Antônio-Jozé Cascais, o sócio de Tangre na firma lisboeta, conceituado advogado de família portuguesa de tradição dedicada ao direito, marcou um encontro com os visitantes no Rossio, na entrada da estação Campo Pequeno. Se encontraram às 4 e 30 da tarde e andaram até a Praça da Figueira. Ali se aglomerava um pequeno grupo de africanos deserdados de vários países, em rodinhas de conversas altas. Antônio-Jozé queria que os nubentes conhecessem e experimentassem a ginjinha numa birosca, antes de levá-los a jantar em casa. Seria a ocasião em que apresentaria sua nova mulher.

- É também baiana – informou. – De pele escura, como a senhora.

- Você quer dizer “negra” – corrigiu Zorádia.

Chegou pontualmente às 19 horas à casa dos anfitriões, localizada no Areeiro. Antônio-Jozé abriu a porta do apartamento, intalou os convidados na sala de estar e retirou-se ao interior da residência. Ao regressar informou que Vera estava “dando uns retoques na maquiagem” e viria em breve. Anunciou que contratara um serviço de bufê para o repasto, todo à base de frutos do mar. Especiarias portuguesas. Logo Vera adentrou a sala, encontrando os convivas e o marido refestelados nos sofás, bebericando e beliscando tira-gostos. Usava um vestido vermelho-sangue, quase transparente, curtíssimo e grudado à pele, com decotes na região do busto que deixavam à mostra grande parte das tetas amplas. Ao sentar, permitia que se visse uma ponta da calcinha por debaixo, esta preta. Calçava um tamanco com salto plataforma de falsa cortiça, não menos que de dez centímetros. Era uma negra que exalava perfumes, com pernas bem esculturais e bunda farta. Exibia grossos anéis em vários dedos, longos brincos, pulseiras e gargantilhas – todos banhados a ouro. Lábios carnudos pintados por batom ruge. A face comprida de mandíbulas marcantes tinha a cabeça raspada à máquina, quase careca.

- É tudo o que eu gosto – admitiu Antônio-Jozé, orgulhoso, puxando-a para perto. Ela sentou no colo dele e deu-lhe um salivado beijo de língua, constrangendo propositadamente as visitas.

- Boa noite, gente! – enfim, falou. – Desculpa a demora em me arrumar. É que o meu maridão aqui exige que eu fique bonita para ele.

- Ora, pois! Tenho bom gosto – riu Antônio-Jozé.

- Estão vendo esses seios lindos? – perguntou Vera. – Zezinho é um tuga que gosta de mulher assim, tão carente que é. Isso é presente dele. Coloquei 300 mililitros de silicone. E aqui – falou acariciando as laterais da barriga e o bumbum – também fiz algumas correções no bisturi. Meu tuga adorou. Não foi mesmo, bem?

Houve troca de amenidades e as perguntas comuns para a ocasião, principalmente a respeito da viagem dos visitantes, quando os de casa indagam coisas para demonstrar, mesmo sem ser verdade, algum interesse pelo destino daqueles. Após algumas taças, passaram então, à sala de jantar. Daí em diante, a conversa e o comportamento variaram pouco. Foi dito que Antônio-Jozé Cascais já fora casado duas vezes antes, e que Vera seria a terceira consorte. Estava havendo alguma dificuldade para o intento porque o visto dela, de turismo, estava vencido fazia mais de ano. No momento ele estava tentando usar da influência do nome Cascais para agilizar a regularização dos documentos, quando então seria possível oficializar o casamento. Queria que a cerimônia acontecesse antes de completar 44 anos, dali a quatro meses. Já tivera um casal de filhos, do primeiro casamento, cujas idades beiravam a de Vera, 25. A relação deles com o pai e com sua nova mulher era um tanto “problemática”. Antônio-Jozé não deixava o copo em paz. Na medida em que o nível do líquido nas garrafas ia baixando, sem pudor o anfitrião abria fatos de sua vida privada. Já depois de terminarem a tijela de caldo verde, assim que ingressaram na tijela de caracoletas revelou ter encontrado Vera numa das inúmeras boates de *strip-tease* das quais era freqüentador assíduo até meses atrás. Frequentava-as em busca de diversão. Não apenas em Portugal, mas ao redor da Europa e mesmo países do Caribe, como Jamaica, sempre à cata de “prazeres exóticos”. Tinha “uma queda” por negras, confessava, e por isso quase se “amarrou” a uma nativa de Kingston, desistindo do intento após cruzar com Vera. Hoje, sentia-se apaixonado, totalmente dominado pelo “fogo” dessa baiana que aqui estava aos beijos. Ofertas outras não faltavam. Havia em Portugal uma grande comunidade de brasileiros em busca de melhor sorte, a maioria em funções miseráveis.

“Acompanhante” se tornara uma profissão de renda fácil, mas com todos os senões adjacentes - exposição à violência dos clientes, perseguições das polícias e o vício em drogas pesadas. Até este momento Vera ia concordando e chegou a contar a história de uma amiga de 21 anos, Sibebe, há três na batalha em Lisboa. Era mestiçada, mais para branca, com traços misto de polacos e negros. Natural de Irati, interior do Paraná. Há mais ou menos o mesmo tempo em que conhecera Antônio-Jozé, Sibebe conheceu na boate um ex-senador aposentado da república. Era um senhor caquético, mas assanhado. Pagava pela exclusividade de ter Sibebe quando assim o desejasse. “Meu velhinho”, era como Sibebe se referia a ele. O ex-senador bancava o apartamento dela e lhe dava uma “mesada” mensal. A prenda tinha como única obrigação almoçar com ele três vezes por semana, o que no fundo era um luxo para alguém quase escorraçada dos matos paranaenses. Dessa forma, em pouco mais de um ano conhecera os mais importantes restaurantes lisboetas. Com a maior discrição, porque o velho era um homem ainda bem-casado, com filhos empresários ou em carreira política, alguns acima dos 50 anos, um vetusto senhor, conceituado na sociedade católica, membro do ramo português da Opus Dei. Salvou Sibebe da depressão. Antes do seu velhinho ela era uma menina emburrada, estava com o seu lugar na boate ameaçado porque atendia os clientes sempre de cara feia, triste. Isso não era bom para os negócios da casa. Vera teve de ir ao amparo dela por diversas vezes, porque sequer sabia dançar direito. Acontece que tinha um corpinho maravilhoso que atraía os homens. O velhote enlouquecera por ela.

- Minha amiga achou um pote de ouro – opinou Vera, com certa inveja.

- Não há de ser nada – comentou Antônio-Jozé Cascais, batendo numa das coxas da mulher -. Quando você me laçou, também ganhou um bilhete premiado.

As visitas perceberam que a mulher não gostou do tom.

- Ao contrário, meu querido – discordou Vera, enxugando o caldo de caroletas na boca. – Você é que deve me agradecer. Estava um horror, acabado, na pior, maltratado que nem um cachorro sem dono. Chegou na maciota e me implorou que ficasse consigo. Agora, eu que agüente as suas aporrinhações, as chatices de seus filhos drogados, e de suas ex-mulheres. Sabiam? Manoel é assim: um anjo, quando sóbrio. Mas quando bebe vira uma desgraça. Não se controla. Por isso proíbo que beba. Abri uma exceção hoje, por conta de vocês.

Pouco a pouco o clima tornou-se azedo. Antes de Zorádia e Tangre se despedirem para sempre, tiveram de presenciar os ataques e os afagos que os anfitriões trocavam entre si. Pensaram em pedir licença e correr de volta às tascas no Bairro Alto. As ofensas eram terríveis. Mas a bulinagem dos dois mostrava ser aquilo também um jogo. A coisa se degingolou mesmo quando foram servidas sardinhas assadas. Vera esbravejou para Antônio-Jozé, sem cerimônia:

- Sardinhas, sardinhas, sardinhas! Sempre com as vísceras! Como vocês, tugas, são nojentinhos! Ou são porcos ou não sabem tratar sardinhas. Servem com toda a sujeira, sem limpar, sem tirar as tripas! Eu odeio isso!

- Relaxa, Vera, temos convidados em casa. E nossas sardinhas são assadas assim para manterem a textura, o sumo, a umidade.

- Eu peço desculpas às visitas, mas isso para mim já passou dos limites. Essa vida aqui, com você, é um inferno! E ainda tendo de comer sardinhas sem tratar, com suas desculpas esfarrapadas!

- Se não quiser assim, volte para o dendê de seu país – sugeriu, com ironia, um Cascais já visivelmente embriagado.

Vera bateu com a palma das duas mãos na mesa, com força, e berrou:

- O que você disse, seu tuga alcoólatra? Levante-se e peça desculpas!

- Deixa disso, mulher. Não age como uma puta.

- Puta é a puta que te pariu! Você está querendo briga, Cascais? Está querendo briga? Então vai ter briga.

Dito isto, pegou a taça de vinho à sua frente e atirou-a na parede ao lado, espatifando-a. Os nubentes estavam visivelmente assustados, mas permaneciam mudos.

- Levante-se e peça desculpas, vai! Eu estou mandando, seu tuga de merda!

O honorável Cascais de Lisboa, dono de conceituado escritório advocatício associado à firma dos Araújo Pereira na Bahia, apoiou-se na mesa e se dirigiu à negra de fartos seios e coxas à mostra sentada na cabeceira da mesa.

- Está bem – disse o respeitável advogado. – Eu me desculpo.

- Não é assim que se faz. Eu quero que você se abaixe e peça desculpas.

Então ele caminhou titubeante até a frente da mulher, à sua lateral, dobrou os joelhos e se abaixou, sussurrando:

- Desculpa, meu bem.

Ela levantou um dos pés, do qual se destacava as unhas brilhantemente esmaltadas de vermelho, como o vestido curto.

- Agora, para deixar claro com quem você está lidando, beije os meus pés!

Ele titubeou, mas foi estimulado por ela.

- Eu estou ordenando, Antônio-Jozé Cascais! Não estou pedindo. Rasteje-se e beije os meus pés.

Ele obedeceu. Ajoelhou-se. Mediu a distância e rastejou até alcançar o pé ofertado. Tomou-o entre as mãos trêmulas. Aproximou a boca e, na parte do peito, deu três pitocas. Soltou-o a seguir, à espera do que viria. Vera deu-lhe um tapa no rosto, avermelhando as faces do sujeito mais que o natural. A seguir, com as duas longas mãos negras a mulher afagou os dois lados da cabeça do Cascais, puxou-a ao seu colo, acariciou os cabelos e a beijou rápida e seguidamente.

- Seja obediente com a mamãezinha – sussurrou, fazendo biquinho para o homem. – É assim que eu gosto- afastou-o com um movimento brusco.

Ajudou-o a levantar-se e sinalizou que retornasse ao lugar dele na mesa. O jantar então continuou, até a sobremesa, com papo ameno sobre as ostras e o café ganense, antes da despedida dos convidados.

Vera era astuta. Mais tarde no banheiro, segredou a Zorádia ter saído da Bahia para seguir os passos de um jovem namorado, também de Salvador, que trocou a vida de capoeirista pela de servente de pedreiro de obras entre Porto e Gaia, para onde anos antes migrara um tio. O relacionamento juvenil não deu certo, ele a enxotou de casa, e o jeito foi ela migrar para Lisboa. Agora tinha de submeter-se àquela rotina do inferno com esse tuga bebum. Misto de raiva e dor fazia lágrimas saírem dos olhos de Vera, levando a visita apiedar-se dela por instantes.

Por muitos anos não foram apenas os encantos lusitanos, mas esse episódio inusitado que retornava às conversas entre Zorádia e Tangre sobre as complicações conjugais. Embora as trajetórias dos casais fossem completamente diversas. Com esses, baseada no respeito mútuo e nos cuidados que se deve ter para manter o carinho e a paz

no relacionamento afetivo. Também fogo. Naquela madrugada lisboeta, de volta ao hotel, na cama trocaram juras de amor. “Este será o nosso lema: gulosos de beijos, beijos nas mãos, nos dedos, nos pés, nos braços, na pele, na nuca, no ar, no nariz, em tudo o que é parte desse imenso universo”.

Zorádia refletia sobre aqueles episódios, sobre essas e outras juras, a caminho do restaurante, com o marido feliz ao lado guiando o automóvel e falando trivialidades.

*

Carpaccio de bacalhau, para iniciar, mas também umas bruschettas de tomate e um prato de variados mexilhões ao molho de vinho branco, isso apenas como entrada porque Tangre, mais do que Zorádia, estava com apetite fora do comum. Ele a levou para o La Lupa, na Ladeira da Barra, de onde se avista ao longe uma das pontas da Ilha de Itaparica. Noite clara, de lua nova iluminando a vasta lâmina oceânica lá embaixo entre a encosta de Salvador e a ilha. Alessandro Narduzzi, o *chef*, veio da Itália fazer fama na Bahia. Supervisiona pessoalmente a cozinha e o salão. Para clientes especiais como o Dr. Tangre Pereira (assim Narduzzi o chamava), concede sentar-se à mesa por alguns minutos, respondendo perguntas sobre a origem dos ingredientes que utiliza nas maravilhas que faz com as massas e os molhos. A maioria importada do velho continente. Um casal próximo à área avarandada do restaurante vira-se para a mesa onde está o juiz, a mulher e o chef, bisbilhotando a conversa.

- Eu ainda era estudante, estagiando na área penal – contava Tangre Pereira – e tinha como uma das minhas obrigações naquele dia acompanhar um juiz que iria inspecionar a situação da população carcerária. Fui lá, e enquanto caminhava num dos corredores ouvimos alguém chamando pelo nome do juiz com insistência. “Doutor Oduáia! Doutor Oduáia!” (O juiz em questão era o saudoso George O’Dweier). Viramos, e quem estava numa das celas? Baleia! Imaginem, Baleia – o Rei Momo, esse mesmo que foi enterrado na semana passada. Na cadeia! Ele já tinha sido preso antes, quando deu um golpe no comércio passando cheques sem fundos. Agora ajudou num assalto a um posto de gasolina. Deu as dicas a um bando. Orientou tudo de casa, pelo celular. Emprestou o carro dele para a fuga. As testemunhas informaram cor e número da placa. Daí os investigadores chegaram a ele, que entregou os comparsas. Foi preso, mas vocês precisavam ver a trabalhadeira que dava aos seus colegas de cela, que pediram ao juiz: “Doutor, tira ele daqui, por favor”. Um homem de quase 300 quilos numa cela com doze outros. Disseram que para ir ao buraco fazer as necessidades fisiológicas, seis

comparsas tinham de transportá-lo, segurando-o pelos braços, três de cada lado, para impedir que desabasse no vaso, até ele terminar de evacuar, e então o levantavam. Que trabalho! Imediatamente O'Dweier expediu um indulto, e o tiramos da cadeia, alegando razões humanitárias. Li nos jornais que o encontraram morto em seu barraco. Teve um enterro de rei, Rei Momo da cidade que tem o maior Carnaval do mundo! Os bombeiros tiveram de resgatá-lo com guinchos. Içaram o corpo dele depois de amarrá-lo com grossas correntes. O caixão tinha um metro e 70 de largura. Fui ao enterro, na Quinta dos Lázaros. Duas dúzias de pessoas, familiares e companheiros de bebedeira e farra foram se despedir. Um desses, cheio de pau, na hora que o caixão desceu à sepultura, disse em tom de blague: “Os micróbios vão fazer a festa! É alimento para cinco anos!”.

O tom utilizado por Tangre, além dos gestos que fazia, dava certa comicidade à narrativa. O *chef* abriu uma gargalhada, ao final, acompanhando a risada do Dr. Tangre Pereira. Era uma boa política rir das histórias supostamente engraçadas dos clientes importantes. Narduzi, porém, notou de soslaio que a professora Zorádia Oswaldo não ria do mesmo jeito. Parecia desinteressada. Não queria entrar no clima. Alessandro Narduzzi aproveitou a chegada do garçom com os pratos principais – *spaghetti al frutti di mare* para a madame e *gnocchi del pescatore* para o juiz – e deixou o casal sozinho na mesa com seu repasto colorido e aromático.

O homem parecia animado. A mulher parecia meio emburrada. Ele preparara uma surpresa para ela. Uma não; duas. Daqui a pouco iria presentear-lá com uma corrente em ouro 20 quilates adornada com um pingente de ametista lapidada. Em comemoração ao fato de ter sido indicado, naquela tarde, ao Tribunal de Justiça da Bahia, através de lista a ser submetida ao governador do Estado. Ela não sabia da novidade. Estava ali para festejar. Ele não sabia de nada. Estava ali para terminar.

Entre uma garfada e outra, entre esse e aquele gole de vinho e de água, disseram o trivial, elogiaram a qualidade do alimento, trocaram elogios à elegância um do outro. Quando acabaram de comer, solicitaram outra água mineral e licor – evitaram a tentação da sobremesa. O *maître* também ofereceu, sem sucesso, o que disse ser “verdadeiros Habanas”.

- O que acha da possível candidatura de Ivonildo Cruz? – ele puxou assunto. – A nota no jornal diz que estaria acontecendo esta noite a reunião de consagração dele.

Ela hesitou. Queria tomar a iniciativa de abrir logo o jogo, ir direto ao que interessava. De repente seu celular, prudentemente posto na função silencioso, começou a vibrar dentro da bolsa. Ela deu um jeito de olhar, disfarçadamente, o *display*. Débora chamava.

- Em princípio me parece uma candidatura oportunista – ela falou, se recompondo.

- Me parece ser ele portador daquilo que Maquiavel define como virtude.

- Não sei o que Maquiavel chama de virtude, mas sei que Ivonildo jamais esteve próximo disso.

- Mas a você não parece oportuno que os eleitores da maior cidade negra nas Américas – é assim que você mesma diz – tenham a chance de votar em um político negro? Eu falei oportuno; não, oportunista.

- Ele é negro na pele. Mas não me consta que alguma vez pudéssemos contar com ele em nossa luta de combate ao racismo. Nunca se posicionou publicamente como tal. Não basta ter a pele negra para ser negro.

- Concordo, em parte. Mas isso não seria um contrasenso? As lideranças do movimento negro, incluindo você, se queixam o tempo todo da baixa representação negra nos espaços de poder político. Não seria interessante dar a ele um voto de confiança? Algum crédito deve merecer. Não guardo relações de proximidade, mas não tenho notícia de nada que o desabone como pessoa e como profissional.

- A questão não é essa. Precisamos, sim, de negros em espaços de poder institucional. Mas *tem de ser* Ivonildo Cruz? Disso duvido. Acho que poderíamos buscar um nome melhor. Alguém mais comprometido com a causa.

- E existe esse nome? Você, por exemplo?

- Nada disso, meu amor. Não me sinto preparada para uma disputa dessas. Ajo dentro dos meus limites. Creio que tento fazer um trabalho digno, de resgate da nossa autoestima, no âmbito da academia. O GRAENA dá a sua contribuição não apenas ao debate, mas também apresentando propostas políticas de ação afirmativa. Já dá muito trabalho. Não quero me meter em disputas políticas na arena eleitoral. Mesmo porque, você mesmo sabe, minha saúde é um empecilho.

- Por falar nisso, como é que foi a sua reunião na faculdade?

- Foi complicada, mas o resultado foi o que esperávamos.

- Que bom. Qual o resultado?

- Suspendemos o filho-da-mãe.

- Sério? Foram-lhe dadas todas as chances de defesa?

- Ele usou de tudo o que pôde para se defender. Mas ficou claro para a maioria de nós que a aluna falou a verdade.

- É deixar o processo rolar, agora. Quanto à candidatura de Ivonildo Cruz, acho que se ele reunir forças políticas suficientes para empolgar o eleitorado, tem chance de vitória.

- O que dizem, mesmo, os jornais? Eu ainda não tive tempo de ler. Quais forças políticas estão lançando ele?

- Pelo que li, o atual prefeito, o governador, o ex-governador Aurélio Pessoa, Paolo Iribar...

- O dono da TV Água-Doce?!

- Sim, ele.

- Que salada! E que perigo!

- Por que, perigo?

- Qual a autonomia que Ivonildo Cruz vai ter no meio dessa gente?

- Pouca. Mas se sua candidatura é pra valer, tinha de buscar apoios de quem pode bancá-la. E depois, saindo-se candidato, buscar a sua base eleitoral.

- Que base eleitoral ele tem? O fato de ser uma figura pública, um profissional respeitado em sua área, não o torna forte eleitoralmente. Por qual partido ele é candidato?

- Partido?! E no Brasil o partido tem alguma importância? Pelo que li, será uma candidatura de coligação, reunindo diversas forças partidárias. E cogitam trazer para coordenador de propaganda alguém de peso.

- Quem?

- Phillipe Schwanberg.

- Mesmo?! Se verdade, não deixa de ser alvissareiro.
- Vai ser uma campanha polarizada com Kohen.
- Que, por sua vez, reúne forças políticas e empresariais de forte calibre. Os principais órgãos de mídia, por exemplo, estão com ele.
- Vai ser uma campanha interessante.
- É. Vamos ver...

Dito isto, Zorádia sentia que estava na hora de mudar o tema da conversa. Encheu o copo com água e bebeu. Percebendo o estado de espírito da mulher, Tangre retomou a iniciativa.

- Amor – disse, afetuoso –, tenho uma surpresa.

Retirou do bolso do paletó recostado à cadeira, uma caixinha. Entregou o presente à esposa.

- Para que isso?

- Não via a hora de contar a novidade a você. É para comemorar minha indicação à lista tríplice para compor o Tribunal. Seu marido, aqui, tem 90% de chances de se tornar o mais novo desembargador do TJ baiano.

Ela não esperava por aquilo, o presente. Quer dizer, estava feliz pela indicação do marido, pois conhecia bastante a competência jurídica dele – coisa cada vez mais rara no meio –, sua independência ao pensar, sua ética profissional, sua ascensão que não se dava pelo fato de ser branco, neto e bisneto de portugueses que se enriqueceram traficando escravizados africanos para o Brasil. Estava feliz pelo sucesso dele, mas infeliz pelo momento em que ela recebia tal notícia. Isso dificultava um pouco mais o que tinha a lhe dizer. Recebeu o presente, abriu a caixinha, olhou sem entusiasmo para a corrente com a pedra de ametista.

- Muito obrigada, não precisava tanto – disse ela, a propósito. – E que bom! Fico muito feliz por seu sucesso. Você merece isso e muito mais.

- O sucesso não é somente meu. É nosso. A você, por ter me dado um lar tranquilo com os nossos filhos, por ter sido sempre colaboradora em minha labuta, a você eu dedico parte do meu êxito profissional.

Então ele se aproximou para dar um beijo nela. Mas ela afastou o rosto, ainda que com delicadeza, desviando o contato dos seus lábios com os dele.

- O que foi? – ele perguntou, com alguma surpresa.

- Não é nada, Tangre – ela hesitou. – Também tenho algo a lhe dizer. Sente-se. Temos de conversar uma coisa.

Dos anos em que conviviam juntos era a primeira vez, pelo que podia recordar, que ele ouvia dela tal expressão pronunciada naquele tom. Algum problema mais grave de saúde?

- Escute, Tangre, o que vou dizer não tem nada a ver com você diretamente. Quero dizer, não é por sua causa especificamente. Sou eu mesma.

Ele segurou as mãos dela. Ela apertou as mãos dele e olhou para o rosto do marido.

- Tangre, eu quero me separar de você.

Ele se preparara para ouvir qualquer outra coisa, a mais absurda que fosse, menos isso.

- Como?! – ele perguntou sem crer, atribuindo tudo a um ruído de audição.

- Não dá mais para ficarmos juntos. Você é uma pessoa maravilhosa, sempre foi e ainda é. Por conta disso, é extremamente difícil para mim falar o que estou falando agora. Você sempre foi carinhoso comigo, atencioso, doce, soube cuidar de mim, me deu dois filhos maravilhosos...

Ele não quis acreditar no que ouvia. Certamente era uma piada.

- Você está falando sério?

- Nunca falei tão sério em minha vida.

- Certamente isso é uma piada.

- Tangre, fique calmo. Ouça: infelizmente eu não amo mais você, não do mesmo jeito. Quer dizer, isto é, eu, eu estou...

- Você está confusa.

- Estou; não, não estou. Tenho certeza da decisão que estou tomando.

- Meu amor, o que está acontecendo? Não é possível ser verdade isto que estou ouvindo. O que eu fiz?

Mesmo de forma discreta, o casal ao lado aguçava os ouvidos em silêncio para testemunhar a conversa.

- Você não fez nada, Tangre. Eu é que não te amo mais.

- Mas eu te amo, meu bem. Eu te amo como sempre amei.

- Meu bem, escute. Eu não posso mais ficar com você. Eu estou apaixonada por outra pessoa. E não quero fazer você infeliz, fingindo que estou bem com você sem estar. Pode me chamar de egoísta, mas não me peça para continuarmos.

Luminárias, mesas, cadeiras, copos, garrafas, rostos pareciam agora girar diante da frente do futuro novo membro do Tribunal de Justiça da Bahia, que, há pouco feliz, planava sob o céu da baía de Todos os Santos. Havia na sala algum buraco que o tragasse? Estaria tendo um pesadelo repentino?

- E as crianças? – ele balbuciou, insistindo em ser incrédulo.

- Por enquanto, o melhor é ficar com você, se você não se importa. Eu sairei de casa neste sábado.

- Para onde você vai?

- Não precisa se preocupar comigo. Eu estarei bem.

Ele estava visivelmente transtornado quando o *chef* se reaproximou da mesa para saber como estavam as coisas. O casal manteve-se em silêncio, o juiz de cabeça baixa. Que era aquilo? Chorava? A comida, não foi. O *chef* compreendeu no ato que o melhor a fazer era dar o fora.

- Posso saber quem é a pessoa? – perguntou o marido, segurando as lágrimas.

- Que importância tem isso?

- Quem é a pessoa?

- Por favor, Tangre, deixe isso pra lá.

Ele ficou bastante sério. Mirou dentro dos olhos dela, que desviou com rapidez o olhar, e insistiu na pergunta.

- Por que você não pode me dizer quem é a pessoa?

Neste instante o celular de Zorádia tornou a chamar, no silencioso. Ela, como antes, não atendeu.

- Quem é a pessoa? Ao menos eu tenho o direito de saber.

- Tangre, meu querido. Como você é bom!

- Se eu sou o seu querido, se eu sou bom, por quem você está me trocando? Me dê o direito de saber.

- Está bem, eu digo – dobrou-se, enfim, sorvendo um copo com água. - Chama-se Débora. Débora Machado.

- Quem?!

- Você pode não lembrar, mas ela já esteve em nossa casa.

- Ela?! Uma mulher?

- Sim. Débora. É aluna do mestrado. Entrou no GRAENA no semestre passado.

- Você está apaixonada por uma aluna? Por uma mulher?

- Sim, Tangre. E isso nada tem a ver com você, que sempre me completou em tudo.

- É levar o liberalismo longe demais, não acha? Largar seu marido, com quem cria seus filhos, por uma mulher!!!

- Sei que é difícil, mesmo para você, um homem aberto, compreender com facilidade.

Ele calou-se. Pediu a conta a um garçom. Não tinha cabeça para, como sempre fazia, despedir-se do *chef* Alessandro Narduzzi, até esquivou-se dos cumprimentos deste. O manobrista trouxe o carro. Seguiram rumo ao que se chamava lar. No caminho, ele retomou a conversa.

- Quantos anos ela tem?

- 27.

- Você está trocando o seu homem e o seu casamento por uma pirralha de 25 anos?

- 27.

- Como tem coragem? Não tem vergonha na cara? Uma mulher madura, de nome, como você, com uma aluninha imberbe, uma pirainha que deve ter se oferecido a você antevendo as vantagens disso, e destruindo tudo de bom que construímos juntos!

- Por favor, Tangre, vamos parar? Não venha com esses conceitos machistas. Não se trata disso.

- De que se trata, então?

- Não sei, não sei explicar. É algo que está além da minha racionalidade.

- Ela também é branca, como eu? Ou você resolveu radicalizar de vez?

- Não seja irônico. Você pode se lembrar dela, se fizer um esforço.

- Não quero fazer esforço algum para lembrar desgraças. E não estou sendo irônico. Apenas ficaria melhor que seu próximo par tivesse a sua mesma cor de pele.

- Se isso satisfaz você, tudo bem. Para seu conhecimento ela também é negra.

- Uma dessas garotinhas negras, novinha, gostosa. Então é isso? Uma presa fácil para o seu poder, para a força de sua retórica, para o charme de sua persuasão.

- Entenda como quiser. Eu não quero falar mais nada.

Chegaram àquilo que se chama lar, o seu duplex de cobertura no Horto Florestal. Ela adentrou a sala na frente. Ele apressou-se, pegou-a pelo braço, puxou o corpo dela ao encontro do seu e tentou novamente beijá-la.

- Minha Zozó, por favor, não faça isso. Vamos tirar uma semana, viajar, para que você possa pensar melhor. E se você estiver enganada?

- Tangre, Tangre... Já refleti – ela disse, esquivando-se dos beijos que ele ainda insistia em dar. – Não tenho feito outra coisa nos últimos três meses.

Continuavam abraçados, à força dele, ela esquivando-se.

- Eu ainda te amo, acredite – ela balbuciou.

- Então, se ainda me ama, não me deixe. Não nos deixe! Eu saberei melhorar. Entendo esse momento de fraqueza. Talvez eu tenha falhado em algo.

- Não, você não falhou. Você é um ser humano maravilhoso. Mas eu quero me separar de você.

- Não faça isso!

- Essa não é uma decisão fácil – ela prosseguiu, tentando afastar-se dos braços dele. – Nem é intempestiva – uma lágrima e mais outra afloraram dos seus olhos. – Não tem sido fácil para mim. Jamais vou esquecer o quanto você foi importante para mim esses anos todos. Vou continuar gostando de você, como companheiro e pai dos meus filhos. Mas já resolvi. Fiz o meu mapa numerológico, discuti o resultado com minha terapeuta e encontrei as respostas muito claras. - Olha, se você quiser eu... – ele interrompeu a frase, com lágrimas descendo a face demarcada por algumas rugas salientes. Os dois choravam juntos, pela derradeira vez.

- Por favor, Tangre, não insista. Eu não vou ceder.

Soltou-se, enfim, dos braços dele. Seguiu adiante.

*

Naquela noite, depois de desvencilhar-se do marido, Zorádia não mais ficou no quarto do casal. Não deitaram. Cada um procurou o seu lugar em cômodos distintos. Nenhum dos dois conseguiu pregar os olhos. O som da música que ele colocou no aparelho inundava o salão totalmente escuro.

“No jardim das rosas

De sonho e medo

Pelos caminhos de espinhos e flores

Lá, quero ver você

Olerê, olará, você me pegar.

“Madrugada fria de estranho sonho

Acordou João, cachorro latia

João abriu a porta

O sonho existia.

“Que João fugisse

Que João partisse

Que João sumisse do mundo

De nem Deus achar, lerê”.

Zorádia estava cônica: sua casa, por conta de suas convicções, era um ambiente positivamente energizado. Utilizava as precauções básicas para tal. Sua principal ferramenta era o *feng shui*. A partir da planta básica do imóvel, fez-se o diagnóstico do espaço, para seu alinhamento. O bom, antes de tudo, é faxinar o recinto, é retirar os objetos em excesso, é combinar as cores, é identificar, com pêndulos e instrumentos apropriados, as travas maiores que atrapalham a movimentação das energias boas. Deve-se permitir que o espírito bom do vento invada o ambiente, nele circule e permaneça. Avalia-se as energias. Feixes de espelhos, bolas de cristais, plantas adredemente preparadas. A casa é a extensão do corpo, a extensão da alma. A busca da harmonia no lar passa por essa compreensão. Como manter essa harmonia numa situação de crise conjugal?

“Manhã noiteira de força viagem

Leva em dianteira um dia de vantagem

Folha de palmeira apaga a passagem

O chão, na palma da mão, o chão, o chão

“E manhã redonda de pedras altas

Cruzou fronteira de servidão

Olerê, quero ver

Olerê”.

E Zorádia, aos 37, tinha a libido aguçada. Mesmo com as limitações impostas pela fibrologia. Ao redescobrir suas preferências sexuais, instantes seguintes aprendeu que gostava de namorar “bebês”, ou seja, meninas mais novas na flor da idade. Sempre

foi uma tarada sexual. Desde os 17 anos, quando pela primeira vez se entregou para um percussionista do bloco afro Olodum, percussionista que fez fama ao reinventar os toques do rum, do pi e do lé. Ficou com ele um ano e pouco, fizeram até planos de morar juntos. Acontece que o sacana era mulhereço de marca maior, não podia ver rabo de saia. E, na posição que ocupava no bloco, vagabundas é que não lhe faltavam – pretas, morenas, brancas, loiras, nativas e estrangeiras. Romperam e reataram várias vezes, num vai-e-vem quase sem saída, ele sempre no comando. Até que então ela, por medo de, se engravidasse, ficar sozinha na hora do parto, sem saber onde estava o pai do filho – se tocando por aí ou na cama com outra negra -, resolveu sair de baixo. Quando, ao telefone, disse isso, ele a chamou para jantar no barraco dele. Ela aceitou, pegou o ônibus na Barroquinha e foi ao Engenho Velho de Brotas, onde ele morava. O sujeito, pela primeira vez na vida, fez uma comida para seduzi-la. Espalhou flores pela casa, iluminou tudo à luz de velas, pôs música bonita, maconha à vontade. Enfim: preparou a armadilha para dar o laço, sem se importar com a advertência que ela tinha feito ao chegar com a sacola cheia de calcinhas e outras peças íntimas colecionadas no período em que namoraram. “Será a última vez”, advertiu, mas o cara não acreditou. Outras últimas vezes houvera, mas bastava bater os dedos chamando-a e ela corria aos seus braços sempre quando ele quis.

- Dessa vez será diferente.

- Vem cá, nêga, deixa de resmungo!

Sim, ela foi, porque sabia o quanto gostoso ele era. Transaram até ao amanhecer, sem parar, comendo-se, ela vestindo e tirando as calcinhas, uma após a outra. Uma maravilha!

De manhã, partiu para sempre e nunca mais. Ele ficou atrás, até cair em si. Então engravidou uma de suas fãs, casou-se pouco tempo depois. Zorádia, estudante universitária, tornou-se a solteira mais cobiçada do pedaço. E não se fez de rogada. Flertou com muitos rapazes da cidade. Pegou negros deliciosos, alguns dos mais interessantes de Salvador, embora quase sempre envolvidos com outras. Pode dizer com orgulho que comeu vários picas-tontas da capital baiana. Até aquela manhã de bicicleta, quando trombou com aquele homem, o homem verdadeiro que se tornaria seu marido, ao qual dedicaria seu amor e sua fidelidade. Os sintomas da doença já se faziam agudos. Então, sexo e masoquismo como se igualaram. É preciso ter forças e agüentar, porque no dia seguinte amanhece-se literalmente quebrada, com o ácido lácteo “bombando” e

os músculos semiparalisados. No momento do ato em si, é uma maravilha, o corpo relaxa endorfinado, combinando-se à analgesia da antonina. Nessa etapa da vida foi amada e amparada pelo homem que chora esta noite ali na sala escura, ouvindo baixinho e repetidamente todo a “Matita Perê”, de Tom Jobim, que os dois bem conheciam. Sem pregar os olhos sofria, indo de um lado a outro, aguardando torturadamente o dia amanhecer para executar suas decisões. Ele chorava como uma criança, no cômodo aromatizado e harmoniosamente decorado daquilo que um dia os dois chamaram de “nosso ninho”.

“E por maus caminhos de toda sorte

Buscando a vida, encontrando a morte

Pela meia rosa do quadrante Norte

João, João”...